

ESTABELECENDO UM PARALELO ENTRE AS FUNÇÕES DE JAKOBSON E METAFUNÇÕES DE HALLIDAY

Andréa MARTINI¹
Elisane Scapin CARGNIN²

Resumo: identificar as semelhanças ou diferenças entre a Linguística Sistêmico-Funcional proposta por Halliday e Matthiessen (2004) e o modelo de comunicação postulado por Jakobson é o objetivo deste trabalho. Serão apresentadas as funções propostas por Jakobson e um pouco de sua história. Serão apresentadas também as metafunções propostas por Halliday e Matthiessen, além de uma breve explanação sobre Linguística- Sistêmico- Funcional (LSF) e sobre a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF). A análise dessas duas abordagens funcionais nos estudos linguísticos: a teoria funcionalista da linguagem de Jakobson e a Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday pretende mostrar em que medida uma abordagem diverge de ou ratifica a outra. Constataram-se duas ideias, dois pontos de vista sobre funções e metafunções da linguagem. Nas metafunções, estão a representação das experiências dos falantes, as trocas comunicativas e a organização dos significados ideacionais e interpessoais. No caso das funções de Jakobson, os estudantes brasileiros têm acesso a essas leituras por meio de textos/livros didáticos ainda que ele não tenha recebido o verdadeiro crédito.

Palavras-chave: função. Metafunção. Comunicação. Linguagem.

Introdução

Michael Halliday e Roman Jakobson podem ser chamados teóricos funcionalistas. Roman Jakobson (1896-1982) contribuiu muito para linguística estrutural, para a teoria da comunicação, à antropologia, à literatura (sobretudo à poética), à gramática, etc. Vivenciou manifestações de arte de vanguarda – cubismo e futurismo russos. Participou do Círculo Linguístico de Moscou (1915-1920), onde foi um dos fundadores desse grupo de formalistas

¹ Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria, UFSM (PPGL), RS, Brasil. andream.martini@gmail.com

² Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria, UFSM (PPGL), RS, Brasil. elisanesc1@hotmail.com

russos, primeiros no que diz respeito ao moderno estudo científico da arte literária. O Círculo Linguístico de Moscou nasceu, principalmente, em função da preocupação de intelectuais russos da década de 1910-1920, com o aspecto simbólico do som da poesia. Nesse grupo, foi dada mais atenção para o poema, para a sua formalidade. Então, por esse motivo, eram chamados de “formalistas”. Era um estudioso e contribuiu com seus trabalhos para os estudos linguísticos poéticos, onde pode se enfatizar a questão enunciativa de linguagem. Para Roland Barthes:

Jakobson deu um bellissimo presente à literatura: deu-lhe a linguística [...] Na origem da linguística generalizada que ele traçou houve um gesto decisivo de abertura das classificações, das castas, das disciplinas: tais palavras perderam com ele o seu ranço separatista, penal, racista: não mais existem proprietários (da Literatura, da Linguística), os cães de guarda foram de novo presos em seus cercados. (BARTHES, 2004, p.204-205)

Jakobson escreveu muitos textos durante muitos anos, o primeiro foi em 1919, o livro *Diálogos*, publicado na França em 1980 e no Brasil em 1985. O livro traz uma entrevista feita por Krystyna Pomorska que era sua esposa. Em uma ‘conversa’ a obra propicia um passeio por todos seus textos, rascunhos e pelos assuntos ou questões que fizeram parte de sua vida, suas ‘fugas’ por vários países e pela língua, pela poesia, enfim, pela linguagem.

Jakobson foi um dos mais importantes autores do século XX, divulgou trabalhos com a aproximação da linguística com a poética. Um bom exemplo é seu texto *Linguística e Poética*. Nesse sentido, Flores destaca que ele foi “um dos primeiros linguistas a pensar sobre as questões de enunciação porque sua teoria das funções de linguagem e seu trabalho sobre os *shifters* são algumas das principais sistematizações que se tem em linguística sobre o lugar do sujeito na língua” (FLORES, 2001, p. 18).

Em se tratando de Linguística Geral, Jakobson tentou agregar ao campo dos processos de significação. Nesse sentido, contribuiu muito para a Linguística, principalmente, com a significação na linguagem foi um dos seus principais achados. A significação está intimamente ligada à língua uma vez que ela só é entendida em seu uso. Para Jakobson, uma das tarefas dos linguistas é “incorporar as significações linguísticas à ciência da linguagem” (1974, p. 33).

Com a Teoria da Comunicação, que é muito conhecida, inclusive, em livros didáticos atuais sem o devido reconhecimento ao autor, ele introduziu os componentes do ato de comunicação: remetente, destinatário, canal, código, referente, mensagem e, além disso, a sua relação com as funções da linguagem: emotiva, conotativa, fática, metalinguística, referencial e poética. Essas funções se relacionam aos fatores que constituem o ato de comunicação verbal. Jakobson apresentou um esquema para ilustrar essa comunicação:

O REMETENTE envia uma MENSAGEM, ao DESTINATÁRIO. Para ser eficaz a mensagem requer um CONTEXTO a que se refere [...], apreensível pelo destinatário, e que seja verbal ou suscetível de verbalização; um CÓDIGO total ou parcialmente comum ao remetente e ao destinatário [...]; e, finalmente, um CONTACTO, um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que os capacite a ambos a entrarem e a permanecerem em comunicação. (2005, p. 123)

Em seguida, descrevemos as seis funções propostas por Jakobson. Serão apresentados também os fatores constitutivos que desempenham essas funções. A função emotiva está centrada no remetente, no emissor, isto é, aquele que fala. A linguagem com função emotiva é usada para marcar a opinião do remetente e suas emoções. Nesse tipo de função de linguagem há o predomínio de verbos na 1ª pessoa do singular e da subjetividade do emissor. A função referencial está centrada no contexto, ou no referente, marcada pela 3ª pessoa. O emissor ou o remetente tem o objetivo de oferecer informações da realidade e de forma objetiva. De acordo com Chalhoub (1991, p. 11) “o uso da função referencial da linguagem é uma das dominantes do discurso científico”. Essa função é comum em autobiografias, cartas de amor, memórias, etc. Ex.: Pedro, eu te amo! Eu não esperava uma surpresa tão boa!

A função conativa é centrada no destinatário. Em mensagens em que essa função é predominante, o locutor tenta influenciar o receptor, portanto, é comum o uso do imperativo e vocativo. Para Chalhoub (1991, p. 23) a palavra conativa “tem sua origem no termo latino conatum, que significa tentar influenciar alguém através de um esforço”. É característica dessa função o uso da 2ª pessoa e é comum em discursos, sermões, propagandas políticas e religiosas. Ex.: “Prezados formandos, pais, professores e familiares...”

No canal de comunicação está centrada a Função Fática. Mensagens em que essa função é predominante têm por objetivo prolongar ou interromper a comunicação, testar a eficiência do canal ou chamar a atenção do interlocutor. Comum em interjeições, linguagem

das falas telefônicas, saudações, propagandas, etc. Essa função é, também, caracterizada por repetições, formas ritualizadas, por exemplo: *como vai, até logo*.

A Função Poética está centralizada na mensagem a ser transmitida. Nela, o emissor usa de recursos criativos para a elaboração da mensagem. A linguagem tem função poética devido à forma como a mensagem está organizada, isto é, quais escolhas foram feitas para estruturar a linguagem. O termo *poética* indica onde encontramos maior recorrência desta função: na poesia. Assim, prevalece o uso da linguagem figurada, poética, afetiva, sugestiva, denotativa e metafórica, com fuga das formas comuns. Ex.: “Amor é um fogo que arde sem se ver; é ferida que dói, e não se sente; é um contentamento descontente; é dor que desatina sem doer...” (Luiz de Camões).

E, finalmente, apresentamos a Função Metalinguística, que está centrada no código. É na “metalinguagem”, que utilizamos a linguagem para falar do código verbal (JAKOBSON, 1988, p. 84; 1974, p. 46). Nessa função, usa-se a linguagem para falar dela mesma, usa-se o código para explicar o próprio código. Poesia para explicar a poesia. Um texto que comenta outro texto. Comum nos dicionários, propaganda de propaganda, sinais de trânsito, etc.

No Brasil, as ideias de Jakobson são consideradas atuais. Ainda que seu nome não seja mencionado nos livros didáticos de português, a teoria da comunicação que Jakobson elaborou tem ajudado nas aulas de língua portuguesa. Assim como Jakobson, Halliday é um linguista influente. A partir da segunda metade do século XX, seus textos tornaram-se mais conhecidos. Halliday nasceu em 1925 em Yorkshire, Reino Unido, aprendeu chinês quando participou do serviço militar na segunda guerra, a partir disso, passou a ensinar o idioma durante anos. Michael Halliday

foi aluno de J. R Firth (1890-1960), uma decisiva influência em seu trabalho, tornando-se professor da Universidade de Londres entre 1965 e 1976 e da Universidade de Sidney, de 1976 até sua aposentadoria (Stubbs, 1996: 50). Seu trabalho, cuja preocupação é explorar como a língua é estruturada para o uso em diferentes contextos sociais (Eggins, 1994), tem propiciado o desenvolvimento de uma lingüística com caráter de ciência social aplicada, centrada na indissociabilidade do significado e da forma e entre léxico e gramática (Stubbs, 1996:23), apoiando-se sempre em dados lingüísticos reais. Halliday tem seu trabalho em lingüística profundamente influenciado por pesquisas estruturalistas, entre elas a glossemática de Hjelmslev, o

distribucionalismo de Bloomfield e o Círculo Lingüístico de Praga, assim como pela Pragmática. (LIMA-LOPES, 2006)

Para Halliday, a língua possui uma função social, o que gera um sistema que influencia e é influenciada pelos que estão a sua volta. Halliday entende a linguagem como um sistema, no qual o falante faz escolhas em detrimento de outras. Quando falamos, estamos agindo e isso se relaciona às nossas representações do mundo, à nossa relação com as pessoas e à própria organização da linguagem. A sócio-semiótica de Halliday traz uma concepção significativa para que possamos compreender o como e o porquê fizemos determinadas escolhas discursivas, superando a esfera da própria linguística e sendo aplicada a sistemas semióticos não verbais (Kress & Leeuwen, 1996).

Halliday trata de funções, ou melhor, metafunções. Para se entender melhor essa questão de funcionalismo, buscou-se um conceito. Na perspectiva funcionalista de Jakobson e Halliday, os sentidos buscam a comunicação, isso define mensagem e a função que predominam nessa troca. Como já foi visto, Jakobson apresentou a funcionalidade da linguagem com as seis funções do momento comunicativo – referencial, emotiva, conativa, fática, metalingüística e poética; mas, com o objetivo de relacionar a linguagem não apenas ao interlocutor, mas também ao contexto em que ela está inserida, reconhece que as funções acontecem de acordo com o evento comunicativo.

A GSF de acordo com Halliday & Matthiessen (2004), preocupa-se em investigar as escolhas léxico-gramaticais feitas num determinado contexto (expressas em um texto) e os diversos significados que podem estar inseridos nele. O funcionamento da linguagem escrita ou oral apresentada pela Gramática Sistêmico-Funcional, segundo Halliday & Matthiessen (2004), é descrito sob critérios semânticos e, não apenas sintáticos, porque identifica o papel de diferentes elementos linguísticos em qualquer tipo de texto e sua função na construção de significados.

Quanto à noção de contexto, Jakobson traz o uso da língua conforme condições contextuais. Para ele, “aspectos mais importantes, mas também mais difíceis da questão do sentido [...] [é] a influência do contexto” (1974, p. 83). No entanto, contexto para Jakobson (1985) relaciona-se aos interlocutores que são as pessoas a quem nos dirigimos quando falamos (p. 82).

Já Halliday & Matthiessen (2004) afirmam que o contexto antecede o texto e a situação precede o discurso nele aplicado. Então, podemos perceber um contexto a partir de um texto e também podemos entender a língua a ser usada através desse contexto. Segundo os autores, há uma relação entre a organização da linguagem (que desempenha funções) e os elementos contextuais que são representados pelas três variáveis que caracterizam o contexto: o campo do discurso, as relações estabelecidas entre os participantes da interação e o modo do discurso. As variáveis estão seguir descritas: campo: aquilo que está acontecendo, a natureza da ação social que está sendo realizada; Relações: quem participa da ação, a natureza, estatutos e papéis dos participantes e as relações entre eles: maior ou menor formalidade, proximidade, etc.; Modo: a organização simbólica do texto, o canal, a forma estrutural como o texto é apresentado, o papel desempenhado pela linguagem.

Vale lembrar que a GSF é considerada sistêmica porque é uma teoria que descreve o funcionamento da língua instanciada em textos pertencentes a um determinado gênero do discurso e inseridos em determinados contextos, por isso a necessidade de atentar não apenas aos enunciados, mas também às atividades sociais, ao contexto em que se realizam. Essa descrição é feita a partir de três sistemas que materializam as três metafunções desempenhadas pela linguagem. A metafunção Ideacional experiencial é realizada pelo sistema de transitividade e materializa a variável contextual campo; a Interpessoal é realizada pelo sistema de MODO e materializa a variável contextual relações; e a Textual organiza os significados ideacionais e interpessoais por meio da estrutura Tema-Rema, materializando a variável modo (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004).

Para Halliday (2004), o caráter social da linguagem está baseado na sua relação indissociável com a estrutura social. Esta, por sua vez, representa um aspecto particular da experiência humana, fundamentada nas trocas estabelecidas a partir de relações em contextos sociais cuja significação advém das atividades sociais nas quais essas trocas se inserem.

Assim como Jakobson, Halliday (2004) defende que a linguagem é usada como um meio para atingir propósitos comunicativos. No momento da comunicação, os objetivos comunicativos se constroem entre os participantes por meio da linguagem. Nesse sentido, o *contexto de situação* dá aos participantes dessa troca comunicativa as informações necessárias

para que aquele evento aconteça. Assim, Jakobson e Halliday destacam a relação das funções da linguagem em uma situação que tem o propósito comunicativo.

Ainda, estabelecendo uma comparação, para Jakobson a linguagem é como “sistema semiótico com destinação particular” (JAKOBSON, 1970, p. 24). A partir disso, entende-se que a linguagem tem como objetivo principal a comunicação, influenciada pelo contexto, pois para ele “tudo é socializado” (1974, p. 23). Nesse sentido, os autores retratam a mesma ideia. Ainda cabe destacar que para Jakobson a linguagem é social e para Halliday, como já foi mencionado, linguagem é um sistema sócio-semiótico (HALLIDAY, 1989, p. 3), um construto cuja significação é constituída socialmente.

Estabelecendo um paralelo entre funções e metafunções.

A comunicação e o propósito comunicativo são referências para ambos os autores. O excerto extraído de um discurso de formatura será referência para analisar as três metafunções de Halliday.

Luís Augusto Fischer escreveu que a educação é como a vida nas cidades: “em megalópoles hostis, o padrão de vinte ou trinta andares tapa tudo e desumaniza por si só; em cidades acolhedoras, os prédios amenos permitem ver o céu. O professor é um prédio consistente [...] *com base nisso, meus queridos afilhados, quero que saibam da minha imensa gratidão por este inesquecível convite.*”

Na primeira oração, com base na metafunção textual, temos como Tema marcado e ideacional *Luís Augusto Fischer* e como Rema *escreveu que a educação é como a vida nas cidades*. O Tema é o que se escolhe como ponto de partida para o que se quer enunciar e o Rema é o restante da mensagem. Ambos se complementam quando o objetivo é comunicar algo.

Com relação à metafunção ideacional, temos o participante Ator *Luís Augusto Fischer*, o Processo Material *escreveu* e a Meta que é *que a educação é como a vida nas cidades*. Nessa metafunção, a experiência do mundo material ou do mundo interior do autor é retratada, isto é, a sua própria consciência. Segundo Halliday, para representar o mundo usamos processos, se analisarmos, os processos estão relacionados aos verbos e os verbos, em geral, retratam ações como agir, sentir, dizer, comportar-se, existir, relacionar-se. No caso

desse trecho, o autor, ao trazer a citação, concorda que o Identificado *educação* poder ser comparado ao Identificador *a vida nas cidades*.

No que diz respeito à metafunção textual, oração como troca, escolhemos outro trecho em que isso fica evidente. O trecho, *com base nisso, meus queridos afilhados, quero que saibam da minha imensa gratidão por este inesquecível convite*. Temos como recurso interpessoal- o vocativo- *meus queridos* que contribui para explicitá-la. Nesse sentido, mais uma vez, podemos dizer que a linguagem é usada como propósito de troca de linguagem (HALLIDAY, 110).

Após essa breve análise, compreendemos que a GSF de HALLIDAY e MATTHIESSEN (2004) contribui na busca pelo significado do texto, isto é, o texto significa para quem, por que, como, em que lugar.... Jakobson também tratou da significação. Então, pode-se dizer que suas teorias, muito importantes para nossas pesquisas, complementam-se.

O mesmo trecho do discurso de formatura pode ser analisado sob a ótica das funções propostas por Jakobson. Na última oração, *com base nisso, meus queridos afilhados, quero que saibam da minha imensa gratidão por este inesquecível convite*, predomina a função emotiva, uma vez que a ênfase está no remetente, o paraninfo, cuja fala de abertura de seu discurso revela sua emoção e sua atitude com relação ao convite recebido. Além disso, a materialização da função emotiva está na presença da primeira pessoa do singular, *quero que saibam*.

Funções de Jakobson e metafunções de Halliday

A função referencial corresponde à metafunção ideacional. Nessas funções, a linguagem está orientada para o conteúdo, para *o que* se fala. As funções conotativa, emotiva e fática estão orientadas para o efeito. Na função emotiva, o locutor visa uma expressão direta da sua atitude em relação àquilo que está falando. Na função conotativa, o locutor procura influenciar e persuadir o destinatário. Na função fática, a linguagem é utilizada para prolongar ou interromper a comunicação, testar a eficiência do canal ou chamar a atenção do interlocutor. Essas três funções estão relacionadas à

metafunção interpessoal, pois em todas elas a linguagem estabelece relações entre os interlocutores.

As funções poética e metalinguística correspondem, de certa forma, a mais de uma metafunção. Para Jakobson, a linguagem desempenha predominantemente função poética quando focaliza a forma como a mensagem está organizada, no eixo da combinação, e quando focaliza as escolhas lexicais, no eixo da seleção. Neste sentido, a função poética é comparável às metafunções textual e ideacional. A primeira por se tratar da organização do fluxo discursivo, criando coesão e continuidade (HALLIDAY, 2004, p. 30). A segunda, porque trata da rede de escolhas lexicais disponíveis aos interlocutores para produzir a mensagem e representar a realidade.

Da mesma forma, a função metalinguística pode ser relacionada à metafunção textual no nível da semântica, e, no nível do contexto (relação), à metafunção interpessoal. No primeiro caso a mensagem oferece explicação acerca do código, o que também é um dos aspectos da metafunção textual. Essa metafunção está relacionada à construção do texto no sentido de organizá-lo, conferindo-lhe coerência (HALLIDAY, 2004, p. 30). No segundo caso, fornecer explicações a partir de glosas estabelece uma relação de poder entre os interlocutores, pois há o pressuposto de que o destinatário possui menos conhecimento sobre o assunto, uma vez que é preciso oferecer explicações e exemplos do que está sendo dito.

Assim, é possível verificar que tanto Jakobson quanto Halliday a linguagem sempre é usada para alguma finalidade, portanto, não haveria porque estudar o código em si. Apesar das especificidades de cada modelo teórico, podemos dizer que ambos utilizam uma abordagem funcional, a qual entende que o sentido não está fora da língua e, portanto, não se pode analisar a linguagem dissociando sistema e uso.

Considerações Finais

Halliday não se manifesta seguidor de Jakobson, e mostrou que não há influência à teoria da comunicação, mas, com este estudo comparativo, foi possível perceber que há certa referência dos estudos de Jakobson em sua teoria. Isso fica

evidente, dentre outros aspectos, quando ele diz que a linguagem realiza três metafunções já citadas. Essas metafunções ocorrem ao mesmo tempo, isto é, elas tratam da representação, da troca e da interação. Os dois autores mostram que a linguagem deve ser usada com um propósito, ambos usam a abordagem funcional, isto é, o sentido, a busca por uma análise que se embasa em um sistema e, principalmente, no uso.

Perceberam-se também duas ideias, pontos de vista sobre "funções" da linguagem e elas são bastante divulgadas e fazem parte do 'mundo' dos estudiosos da linguagem (pesquisadores, professores). No caso das funções de Jakobson, os estudantes brasileiros também têm acesso a essas leituras por meio de textos/livros didáticos de ainda que ele não tenha recebido o verdadeiro crédito.

Agradecimentos:

Agradecemos à professora Amanda Scherer da Universidade Federal de Santa Maria pela leitura e avaliação do texto.

***Abstract:** identifying the similarities and differences between the Systemic Functional Linguistics proposed by Halliday and Matthiessen (2004) and the communication patterns stated by Jakobson is the aim of this work. The functions proposed by Jakobson will be presented as well as some part of his history. Also, there will be presented the metafunctions proposed by Halliday and Matthiessen. The analysis of these two functional approaches in linguistics studies: the functionalistic theory of language by Jakobson and Systemic Functional Linguistics by Halliday intend to demonstrate whether both approaches disagree or corroborate with each other. It was noticed two ideas, two points of view about language functions and metafunctions. In metafunctions, it's possible to find the representation of speakers' experiences, the communicative exchange and the organization of interpersonal and ideational meanings. In regard to Jakobson's functions, Brazilian students have access to these readings through texts/textbooks even though he has not received the real credit.*

Keywords: function. Metafunction. Communication. Language.

Referências

BARTHES, Roland. **Um belíssimo presente. O rumor da língua.** Tradução de Mário Laranjeiras. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 204-205 [parte IV: O amante de signos].

CHALHUB, Samira. **Funções da linguagem.** São Paulo: 5º Ed. Editora Ática, S. A., 1991.

EGGINS, S. 1994. An introduction to systemic functional grammar. London: Printer Publishers.

FLORES, Valdir do Nascimento. Princípios **para a definição do objeto da lingüística da enunciação: uma introdução (primeira parte).** Letras de Hoje, v. 36, nº. 4. Porto Alegre: dezembro, 2001. p. 7 - 67.

FUZER, Cristiane; CABRAL, S. R. S. **Introdução à Gramática Sistêmico – Funcional em Língua Portuguesa.** Santa Maria: Editora UFSM, 2010

HALLIDAY, M. A.; MATTHIESSEN, C. **An introduction to functional grammar.** London: Hoder Education, 2004.

JAKOBSON, Roman. **Lingüística e Comunicação.** Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: 2ª Ed. Editora Cultrix, 2005.

_____; POMORSKA, Krystyna. **Diálogos.** São Paulo: Cultrix, 1985.

WEBSTER, J. J. ed. (2005). On Grammar. London: Continuum. Colected works of M. A. K Halliday – Volume 1. Resenhado por Rodrigo Esteves de Lima-Lopes- junho de 2006, PUC-SP/ UNIFEO.